

## Introdução

O presente texto procura apresentar o processo e resultados de uma pesquisa que foi realizada ao longo de aproximadamente quatro anos, durante os quais observei professores e alunos interagindo durante aulas em que computadores eram utilizados para realização de tarefas variadas. Minha principal motivação foram comentários frequentemente ouvidos nas salas de professores e em congressos e simpósios dirigidos ao magistério, acerca do uso de computadores na educação e nas modificações que esta, chamarei por ora de *ferramenta*, poderá trazer ao ensino. Percebo, há algum tempo, um misto de expectativa e receio por parte de meus colegas professores, bem como um incremento da propaganda de escolas e cursos variados que apregoam o uso do computador como sinônimo de modernidade, a fim de atrair mais clientes. Foi justamente minha crença cautelosa acerca de uma necessidade de que tal uso da informática seja melhor investigado que me levou a fazer esta pesquisa, no âmbito de uma escola da rede pública federal de ensino na cidade do Rio de Janeiro.

Não é possível negar que os computadores estão mesmo em toda parte. Entretanto, como professora experiente, devo confessar que diversas vezes assisti ao advento de uma nova tecnologia trazer consigo a promessa de grandes modificações/ para a educação, promessas essas que nunca vi totalmente cumpridas. Então, admitindo a quase onipresença do computador em nosso cotidiano – do qual a escola inegavelmente faz parte – decidi realizar uma investigação mais detalhada do uso de mais uma tecnologia que traz em seu bojo tantas promessas.

Repito que, ao se falar de informática na educação, parece essencial que se tenha consciência de que a integração desta nova tecnologia “já não constitui mais apenas uma opção: ela está ao nosso redor, transformando todos os campos da vida social e econômica, e cabe ao campo educacional integrá-la e tirar de suas potencialidades comunicacionais e pedagógicas o melhor proveito” (Belloni, 2001:104). É possível ainda afirmar-se que "embora a internet não vá substituir um bom professor melhor do que podem fazê-lo um retroprojeter ou vídeo, ela vai

enriquecer imensamente seus recursos de sala de aula e pode ser usada qualquer que seja a abordagem aplicada ao ensino."<sup>1</sup> (Teeler, 2000:59)

Da mesma forma, não se pode tampouco esquecer a dimensão que a informática e a internet podem adquirir na vida de profissionais de áreas variadas como meios para formação continuada, pois, “pela primeira vez na história da humanidade a maioria das competências adquiridas por uma pessoa no começo de seu percurso profissional serão obsoletas no final de sua carreira” (Levy, 2001:1). Obviamente não se podem excluir professores de tal observação.

Entretanto, a tecnologia, por mais moderna e atraente que pareça, não é suficiente para garantir qualidade, fazendo-se necessária uma aprofundada reflexão acerca de seu uso na educação. De fato, é importante ressaltar, com relação às tecnologias de informação e comunicação (doravante TICs), que “as tecnologias não são boas (ou más) em si e podem trazer grandes contribuições para a educação, se forem usadas adequadamente, ou apenas fornecer revestimento moderno a um ensino antigo e inadequado” (Belloni, 2001:104).

Não é raro ouvirmos que computadores são "ferramentas a mais, que a Internet é interessante, pois nos coloca em contato com muitas informações sendo, portanto, um excelente local para pesquisas escolares." Mas "será que é só isso? Será que é suficiente? Basta ter conexão com a Internet e saber como acessar as informações, que lá estão disponibilizadas?" (Costa, 2001:2)

Ao se constatar o espaço que as TICs têm adquirido na educação, importantes questões parecem surgir, quando um aluno comentou, após uma aula em que sua tarefa foi utilizar o computador para praticar vocabulário em língua inglesa, que esta sofisticada máquina fora utilizada como "um quadro de giz high tech".

Esse comentário parece sinalizar uma constatação que não pode ser ignorada: o uso do computador durante essas aulas pode não estar sendo adequado, ou seja, o potencial que o computador oferece parece ainda não estar sendo aproveitado satisfatoriamente, pois o exercício feito na tela pode ser até atraente, mas continua sendo apenas um exercício tradicional, com as mesmas

---

<sup>1</sup> Original: “Though the internet will not substitute for a good teacher any more than an OHP or a vídeo can, it will immensely enrich your classroom resources and can be used whatever your approach to language teaching”. Tradução da autora, assim como todas as traduções que constam desse texto.

características daqueles que o aluno sempre foi acostumado a fazer na sala de aula com o quadro de giz convencional.

Utilizarei o termo *tradicional* ao referir-me aos padrões de interação assimétricos normalmente encontrados na sala de aula convencional, com suas características: interação discursiva dominada pela fala do professor, que se encarrega de trazer para a sala de aula o assunto a ser tratado, como também se responsabiliza pela distribuição dos turnos de fala dos alunos e decide quais contribuições podem ser consideradas pertinentes. De fato, o momento que suscitou o comentário anteriormente apresentado, e que inspira o título dessa tese, ocorreu em uma sala de aula de curso de língua inglesa, por ocasião de exercício desenvolvido para ser usado com o programa conhecido como Power Point<sup>2</sup>. A professora regente, no caso eu mesma, apresentava os slides com questões de vocabulário aos alunos, que, após breve discussão em pares, deveriam sugerir respostas, às quais eu respondia com aceitação ou não. Ora, conforme bem observou o aluno, tal atividade poderia ter sido perfeitamente executada com o recurso do tradicional quadro de giz e, conforme eu mesma posso observar atualmente, a interação discursiva nada trazia de novidade com relação ao que descrevo como *tradicional*.

A fim, então, de contribuir para o avanço do uso das TICs na educação, com o aproveitamento do potencial que o computador e a internet podem trazer para nossas salas de aula, norteio minha pesquisa pela seguinte questão:

***Como professor e alunos, utilizando o computador como instrumento no processo de ensino/aprendizagem, podem apresentar alternativas ao discurso tradicional normalmente encontrado na sala de aula?***

Considero que, sem este momento de ruptura, não haverá avanço na direção da desejada “preparação do indivíduo para elaborar pensamentos autônomos e críticos e para formular seus próprios juízos de valor” (MEC, 1999:34), sendo o computador usado tão somente como um *quadro de giz high-*

---

<sup>2</sup> **Microsoft Power Point** é um programa utilizado para edição e exibição de apresentações gráficas, originalmente escrito para sistema operacional [Microsoft Windows](#). O PowerPoint é um programa que permite a criação e exibição de apresentações, cujo objetivo é informar sobre um determinado tema, podendo usar [imagens](#), [sons](#), [textos](#) e [vídeos](#), que podem ser animados de diferentes maneiras. (fonte: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Power\\_Point](http://pt.wikipedia.org/wiki/Power_Point))

*tech*, conferindo apenas uma mera aparência de modernidade às interações formais entre professor e educando na sala de aula, pois, apesar do uso da tecnologia, o padrão de interação continuará sendo o mesmo que descrevi acima como *tradicional*.

## 1.1

### A “escrita do visível”

Visando contemplar a questão acima apresentada, optei pela observação sistemática em uma unidade social que considero representativa para esse estudo: a escola pública federal onde sou professora regente desde 1992, a qual abriga como corpo discente crianças e adolescentes de classes sociais variadas e conta com laboratórios de informática na maioria de suas unidades escolares, espalhadas por vários bairros da cidade do Rio de Janeiro. Objetivando ainda “revelar as relações e interações ocorridas no interior da escola” (Mattos, 2001:1), decidi-me pela metodologia etnográfica de investigação. Creio serem professores e alunos observados sujeitos fazedores das ações sociais e, conseqüentemente, apenas acompanhando suas interações, documentando, refletindo e discutindo minhas reflexões abertamente com tais sujeitos eu poderia dar conta de entender e revelar significados que essas pessoas atribuem ao seu cotidiano.

A pesquisa levou-me a um período durante o qual freqüentei com assiduidade o laboratório de informática da escola, observando, anotando, gravando em vídeo e áudio aulas ministradas por mim e vários outros colegas, regentes de disciplinas variadas, a fim de contemplar a diversidade que julguei necessária, visto que minha pesquisa nunca pretendeu se restringir ao âmbito de determinada disciplina escolar, mas sim, ao contrário, aproveitar o máximo possível a rica diversidade de saberes acadêmicos e material humano que a escola oferece.

Desta forma, além de estar presente a várias aulas, entrevistei, interagi e refleti sobre o observado com meus colegas regentes – vários deles também pesquisadores – alunos, professores lotados no laboratório, bem como direção da escola, buscando inteirar-me de projetos e atividades sendo desenvolvidos que previssem o uso dos computadores e internet, visando assim dar conta da “escrita do visível”, da qual nos fala Mattos (2001: 3). Levei em conta a observação dos

comportamentos através tanto das transcrições das interações gravadas quanto dos detalhes não verbais que poderiam suscitar descobertas passíveis de contemplar minha questão de pesquisa.

## 1.2

### **Por que essa pesquisa pode interessar**

A chegada das TICs às escolas coloca educadores frente a novos e diversos desafios. Segundo Vieira (2002b:35), a tecnologia pode gerar vários benefícios no trabalho pedagógico com o aluno, mas "este trabalho só se concretiza quando o professor domina os conceitos e as práticas relacionadas com a tecnologia, transpondo-os para o seu trabalho pedagógico e aplicando-os nos momentos cotidianos de sala de aula". Outrossim, Kenski (2003:34) denomina as reorientações das abordagens metodológicas – às quais me referi anteriormente como “tradicionalistas” – de “nova ecologia pedagógica” e assinala que a mesma necessita, para funcionar, de “equipamentos, conhecimentos e pessoas com vontade de realizar tal mudança”.

Entretanto, no contexto específico em que minha pesquisa se desenrolou, encontrei equipamentos modernos e algumas pessoas com vontade de realizar tais mudanças, lidando, porém, de forma isolada com os desafios propostos pelas TICs no ambiente escolar. Acrescento, ainda, que os conhecimentos necessários eram em sua maioria obtidos também pelo esforço individual dos docentes e em muitos casos nem sequer existiam. Não havendo um planejamento da escola com relação ao uso dos computadores no processo ensino/aprendizagem, nem discussões entre professores ou Departamentos de várias disciplinas, e muito menos cursos de capacitação para os docentes<sup>3</sup>, vários professores partiram de suas próprias idéias, enquanto outros, mais numerosos, nem chegam a utilizar os recursos do laboratório de informática. Entre a perplexidade e o despreparo, vários de meus colegas que responderam ao questionário que preparei (ao qual me refiro em detalhes na seção 4.3.1) fizeram coro às constatações de estudiosos como Amorim (2002:60) de que é preciso:

---

<sup>3</sup> Uma ótima exceção a este estado de coisas ocorreu em 2006/2007, quando o curso de Formação Continuada em Mídias – oferecido pelo PROINFO em parceria com a UFRJ foi oferecido gratuitamente aos docentes. Tive o privilégio de concluir o ciclo básico de tal curso e comprovar sua qualidade.

- “que haja um maior investimento em cursos (presenciais ou online) de capacitação para que o professor faça um bom uso da internet em sua prática de ensino,
- que novas pesquisas relativas às implicações pedagógicas desta tecnologia sejam conduzidas”.

### 1.3

#### Por que observar a fala em interação

A presente pesquisa foi pensada e conduzida com a intenção de ir ao encontro dessa necessidade de novas pesquisas. Optei, entretanto, por orientar as minhas contribuições pela observação da fala em interação, por acreditar ser a interação discursiva tanto o reflexo quanto o agente dos significados em sociedades humanas. Em outras palavras, orientei-me desde o início pela crença de que o discurso ao qual me referi anteriormente como *tradicional* tem como característica marcante a assimetria. Este discurso espelha a relação tradicional entre docentes e discentes nas ocasiões de interação formais, quando o professor “é o detentor do poder e do saber” (Kenski, 2003:34). Acreditei que uma mudança nesta relação, trazendo o docente mais para o papel de “mediador, ensinando e auxiliando alunos na busca de informações e na troca de experiências adquiridas na exploração de dados existentes nos diversos tipos de mídias” (ibid) e assim encaminhando “o grupo social formado na sala de aula para novos tipos de interações, possibilidades múltiplas de cooperação entre eles, objetivando a construção individual e social do conhecimento” (ibid) teria reflexos na interação discursiva, o que se tornaria observável mediante observação sistemática. Acrescento, ainda, que concordo integralmente com Stubbs (1983:90)<sup>4</sup>, quando afirma que “o aprendizado não é um processo puramente cognitivo ou psicológico, mas pode depender crucialmente da relação social entre professor e aluno”.

Essa pesquisa insere-se, pois, no âmbito dos Estudos da Linguagem, baseando-se no caminho percorrido por disciplinas tais como Pragmática e Sociolinguística Interacional. Compreendo a primeira conforme descrita por

---

<sup>4</sup> Original: “...learning is not a purely cognitive or psychological process, but can depend crucially on the social relationship between teacher and pupil.”

Levinson (1992:21)<sup>5</sup>: “um estudo das relações entre linguagem e contexto que são básicos para o entendimento da linguagem”, envolvendo ainda “a interpretação do que as pessoas querem dizer em um contexto particular e como o contexto influencia o que é dito” (Yule, 2003:3)<sup>6</sup>, ou ainda preocupando-se com “o que se quer dizer através do que é dito ou escrito” (Boxer, 2002:2)<sup>7</sup>.

Utilizei, ainda, técnicas de Análise da Conversação para transcrição de dados coletados em áudio, pois a riqueza de detalhes que tal prática me proporcionou mostrou-se de enorme importância para identificação de nuances que poderiam ter passado despercebidas num primeiro momento. Além disso, utilizei-me ainda das descrições de Levinson (1992:296) e Yule (2003:71-78) acerca das características da conversação, baseadas em estudos pioneiros de Sacks, Schegloff e Jefferson (1974, 1978). Detalhes serão melhor apresentados no capítulo 2 do presente texto.

Outrossim, essa pesquisa se insere no escopo da Sociolinguística Interacional, na medida em que a baseio na crença de que

nossos comportamentos diários e interações uns com os outros desempenham um papel crucial em criar e manter os papéis que preenchemos, os status que ocupamos (nossas identidades sociais) e as personalidades que sentimos que nós e os outros têm (nossas identidades pessoais). As identidades que adotamos também ajudam a produzir a ordem social e a estabilidade e assim realmente ajudam a dar às instituições sociais seu significado e estruturas fundamentais (Schiffrin, 1994:309)<sup>8</sup>

Conforme também assegura Boxer (2003:3), “nossa identidade como indivíduo num dado cenário, nossa identidade na medida em que se relaciona a outras no nosso grupo social, nossa identidade sendo formada no processo de relacionamento em grupo momento a momento, todas são relevantes para a sociolinguística.” Em nosso país, afino-me com a visão de Cavalcanti e Moita Lopes (1991:139) quando afirmam que “no contexto social não existe um

<sup>5</sup> Original: “The study of the relations between language and context that are basic to account to language understanding”.

<sup>6</sup> Original: “...the interpretation of what people mean in a particular context and the context influences what is said.”

<sup>7</sup> Original: “...to refer to what is meant by what is said or written”.

<sup>8</sup> Original: “Our everyday behaviors and interactions with each other thus play a crucial role in creating and maintaining the roles we fill, the statuses we occupy (our social identities), and the personalities we feel ourselves and others to have (our personal identities). The identities that we adopt also help produce social order and stability and , hence, actually help to give social institutions their meanings and foundational structures.”

significado/verdade único(a) – típico da visão positivista – mas a construção de significados pelos participantes do contexto social – no caso em questão, alunos e professores”.

Este é também o caso na presente pesquisa, que desenvolveu-se com metodologia de investigação etnográfica, levando em conta tudo que foi dito no parágrafo anterior: o contexto, nossas identidades de professor e alunos, nossas interpretações e como fazemos sentido do que é dito.

Pretendo, assim, não apenas contribuir para o desenvolvimento da pesquisa acerca dos “processos interativos que caracterizam a sala de aula, isto é, como o professor ensina e como o aluno aprende” (Cavalcanti e Moita Lopes, 1991:136), mas também que tal investigação possa, como resultado, abrir caminho para um novo patamar de relacionamento entre os atores do processo ensino/aprendizagem em momentos em que o computador é utilizado como ferramenta de ensino, ajudando-nos a lidar com os desafios propostos pelas TICs no ambiente escolar.